

Margarida Gil

“A Cama do Gato” – Excertos

Extraído do Guião “**A Cama do Gato**” escrito em co-autoria com Maria Velho da Costa.

Este guião, prefiro dizer argumento, nasceu, como os outros de minha autoria, ou de João César ou de Seixas Santos, de uma ideia e muitas vezes, de um argumento já escrito, mas sem ou com poucos diálogos. Foi o caso de *Silvestre* (João César), *O Anjo da Guarda*, *Adriana*, *Paixão* (meus), *O Mal* (Seixas).

No caso deste argumento aconteceu algo inédito entre nós.

Este é, de facto, o único argumento feito em co-autoria. Apesar de ter sido classificado em 1º lugar no concurso para apoio à escrita, depois de escrito nunca mais consegui apoio nos concursos para a produção. “Literário”, “pouco cinematográfico” (!!!), foram razões invocadas pelos vários júris até que desistimos. O actor que faria de PAULINO, Luís Miguel Cintra, declarou numa nota de apoio ao dossier que este era o melhor guião que lera em muito tempo. Não foi suficiente, *helas*. E tantas vezes a Fátima se me queixava – “ah e a *Cama do Gato*?”

Melhor do que repetir tanto que já contei sobre os momentos de altíssima inteligência e humor com que elaborávamos a seguir ao almoço no sr. João, anotando fulgores (dela) na toalha de papel que fora entretanto discretamente substituída pelo sr. Vítor na Calçada da Ajuda, decidi mostrar algumas cenas do nosso argumento, em que certamente se reconhece a sua voz. As cenas não obedecem à sua ordem narrativa como está no argumento.

A Cama do Gato (2004)

Excertos.

Cena 06

Cenário: Casa de campo de Berenice

Int/Dia

Personagens: Berenice, Cozinheira Clarinda, Secretária Rute.

Bom gosto rústico. Austeridade granítica. Muitos apetrechos e arranjos de arquitectura a fazer anti-

go e nobre. Frio. Berenice mexe um tacho de guisado, de cachecol e luvas de lã sem dedos.

Berenice

Não sei se isto chegará...

Clarinda

A senhora deixe cá ver que ainda se queima. Chega, então não há-de chegar! Eles, coitadinhos, estão habituados a comer pouco.

Berenice

Que horror, Clarinda, não diga isso, não se pode gozar a arte com o estômago vazio.

Clarinda

Mas também muito cheio distrai.. Olha que eu sei de um noivo que havia nas Caldas que tinha uma perdição por cavacas. Vai na véspera da boda, comeu tantas e tais que no outro dia andava de lado com gases. E se ele era bom cantador e bailador. Inchou, inchou e ao outro dia era vê-lo a arrastar-se nas lajes para o altar.

Berenice (*mexendo sempre*)

Isso parece uma versão adaptada do Falstaff.

A cultura popular é extraordinária.

Clarinda

É mas é o João Ratão caído no caldeirão das cavacas.

Rute (*Telemóvel em punho, solene*)

É o senhor ex-ministro.

Berenice (*ao telemóvel*)

Como? Não é possível. Mas tinham-me prometido! Este país só me dá desgostos. Uma miséria. falharam a verba para o anfiteatro, uma coisa mínima. Não contem comigo para a visita oficial, não contem comigo para nada!

Não vêm que sacrifico o meu bem-estar, a minha carreira pelo bem de todos? Como é que alguém há-de ter uma vocação artística neste país?

Rute

Acalme-se, sra. D. Berenice, olhe as suas mãos.

Berenice

As minhas mãos, as minhas mãos!

Arranca as luvas e atira-as para dentro do tacho. Sai de rompante.

Clarinda (*mexendo sempre*)

Sempre acrescenta ao caldo.

Cena 27

Cenário: Casa de Paulino (Luís Miguel Cintra)

Int/Noite

Personagens: Paulino, Nuno, Ricardo

Chuva intensa.

Sala de fumo e jogo em casa de Paulino. Sobressai um grande retrato a óleo de Henrique, o falecido amigo íntimo de Paulino. Janelas de sacada, com cortinados ainda abertos para um parque cheio de japoneiras e abetos, um roseiral ao fundo. Sobre a lareira acesa troféus e taças. Estantes com encadernações de couro, óleos nas paredes. Um Pollock e uma Vieira da Silva. Duas mesas de jogo de pano verde. A uma delas estão sentados Paulino e Nuno. Jogam xadrez. O tabuleiro e as peças são clássicos, em marfim e pau preto. Nuno joga as brancas e não fala ao início do plano. A luz declina. Paulino está vestido com um casaco de casa, de bandas de cetim. Nuno traja jeans e uma T-shirt com a palavra YALE inscrita.

Paulino (*movendo uma peça*)

Capablanca, Buenos Aires, 1927.

Nuno

Maybe. (*move outra peça*)

Ricardo vem acender as luzes, espia a mesa de jogo, sorri. Paulino levanta a cabeça dirigindo-se a ele em tom seco.

Paulino

Prepara-me o banho e a roupa para o jantar.

Ricardo sai, o mesmo sorriso equívoco. Paulino retoma a aparente concentração.

Paulino

Estás a jogar muito melhor.

Nuno

Tinha dez anos.

Paulino

Já se via o talento. Não eras muito dotado.

Nuno (*condescendente*)

Não era muito dotado para nada.

Silêncio.

Nuno

Gosto muito daquele Pollock.

Paulino

Riscos geniais. Uma confusão.

Nuno

Uma confusão que lhe deve ter causado uma nota preta.

Paulino

Não deixam de ser riscos.

Nuno

Faz-me lembrar um jogo que eu jogava em miúdo com a Camila.

Atávamos um cordel e complicávamos aquilo o mais possível.

Paulino

Tal como hoje.

Nuno

Chamava-se...

Paulino

...A cama do gato.

Paulino

Meu neto e meu genro, é perfeitamente possível. Nem sei se requer dispensa do Vaticano.

Nuno (*levantando os olhos*)

O senhor ensinou-me que não se fala ao jogo. E não penso casar-me tão cedo.

Paulino

Não pensas casar com a tua tia? É quase o Édipo perfeito. Quase. Com a vantagem de ser mais nova do que tu.

Nuno

De facto. E se continuássemos o jogo amanhã, em vez de o sennhor continuar com essas manobras de diversão com o bispo?

Paulino

Acho bem, menino. Se mexeres nas peças dou por isso. Vamos lá falar. Arranja-me aí um *drink*, filho, que já temos idade para beber juntos.

Nuno prepara dois scotchs, senta-se ao lado do avô. Está tenso, traça a perna em T, mas dá ao pé.

Paulino

Sossega, são os pés que nos denunciam, o verdadeiro velhaco nunca dá ao pé, dizia o Henrique, excepto nos bailes, e mesmo aí tende a ser pé de chumbo.

Nuno

É para velhaco que o senhor me quer?

Paulino

Com certeza. Como achas que se sobrevive no mundo do putedo? O negócio é a alma do segredo, percebes isto? A sorte está do teu lado quando escondes alguma coisa, dizia o Henrique.

Nuno

Porquê eu?

Paulino

Porque és o único macho que nós tivemos.

Nuno

Nós quem? O senhor fala como se eu não tivesse pai.

Paulino

E não tens para os efeitos do que estamos a falar.

Nuno

Tinha dez anos, isto nunca teve graça. E a Camila fechou-se como eu. Vocês são todos, eram todos gente perigosa.

Paulino

E já não somos? Ouve, tu sabes muito pouco da minha vida.

Nuno

Que há para saber? O senhor detesta as suas filhas. Detesta toda a gente, aliás.

(levanta-se, irado mas controlado)

Paulino

Nem tanto. Cada uma à sua maneira são intrujonas simples, simples intrujonas. Ainda não sabes defender-te da família. É o laço mais pernicioso que há, dizia o Henrique.

Nuno *(agressivo)*

O seu amigo do peito. Desgraçado.

Paulino

Quem? Eu ou ele? *(desconcerta-se, as mãos vacilam para o copo que Nuno voltou a encher com repugnância. Treme)*

(Paulino levanta-se e vem ao tabuleiro de xadrez onde varre a ordem das peças de um só gesto).

Diz-me o que hei-de fazer com esta gente, Henrique. Tu sabias sempre tudo. Pelintras da alma!

Cena 38

Cenário: Casa de Antónia

Int/Dia

Personagens: Antónia, Camila, Nuno

Tom “branco”, desconfortável, frígido. Tudo imaculadamente arrumado. É o fim do dia (um seminarista suicidou-se, umas cenas atrás na casa de Paulino).

Antónia

Tudo acalmou, graças a Deus.

Nuno

A Deus? O avô deu uma ajuda. Nem um pio nos jornais. Só se fala na homenagem à grande violoncelista Berenice. Aposto que até o Cardeal Patriarca vai.

Antónia

Era um escândalo, não era nenhum crime.

Camila

Os suicidas são sempre assassinados.

Antónia

Lá vem a menina com as suas pieguices. Que é que queria que fizéssemos, um funeral lá em casa? Seminarista suicida, filha da criada da casa, segue amanhã para o cemitério dos Prazeres, homenagem nacional à grande Berenice adiada *sine diae*? Por amor de Deus!!

Camila

Alguém disse dos campos de concentração que os melhores não sobrevivem.

Antónia

Foi com certeza alguém que sobreviveu. Se eu vivesse de luto estava morta.

Camila

Isso vê-se.

Antónia

Sabe o que a menina é? Uma putéfia sonsa, sempre a atear uns e outros sem pagar a conta.

Nuno

Mãe!

Camila (irónica e amarga)

Eu sou uma alma dócil, a vida continua.

Nuno (*rindo*)

Às vezes penso que vocês não têm alma.

Camila

Vá pensando, até lhe estalar na boca como as castanhas.

Nuno (*tristemente*)

Como tu mudaste...

Camila

Eu não mudei. Vim ao de cima.